

CENOGRAFIAS MONUMENTAIS PRÉ-HISTÓRICAS: TÓPICOS PARA UMA REFLEXÃO

por

Susana Oliveira Jorge*

Resumo: Três conjuntos monumentais pré-históricos servirão de base de reflexão a esta comunicação: a necrópole da Aboboreira (Noroeste de Portugal), o recinto monumental de Castelo Velho de Freixo de Numão (Alto Douro português) e o complexo monumental de Los Millares (Almeria, SE espanhol).

Através da sua comparação, acentuam-se diversas formas de organização e controlo do espaço que, em diferentes contextos, se relacionam com a emergência de lugares susceptíveis de terem servido como polarizadores de identidade das comunidades, desde o 5º ao 3º milénio B. C., em diversos pontos da Península Ibérica.

Procurar-se-á contrapor à natureza dos dispositivos cénicos (aparentemente simples) duma “necrópole megalítica” neolítica, a complexa cenografia de dois recintos monumentais do 3º milénio B. C. Estes últimos, em parte, “mimetizam” a vida quotidiana e, por outro lado, inserem-se em sistemas de lugares interconectados. Os recintos monumentais, enquanto “arenas de poder”, são lugares por onde circulam artefactos e pessoas. A sua compreensão tem de passar pela consciência de como esse tipo de construção “implicou” toda a paisagem envolvente, numa profunda alteração da vivência e representação do espaço e do tempo, relativamente a épocas anteriores.

Palavras-chave: Arquitectura; monumento; cenografia monumental.

Abstract: This paper is based on the results of scientific research carried out in three prehistoric monument complexes: the Aboboreira cemetery (NW of Portugal), the walled precinct of Castelo Velho de Freixo de Numão (Portuguese High Douro) and Los Millares (Almeria, SE of Spain).

Comparing the data from those sites, we try to emphasise the ways of organizing and controlling spaces that they appear to embody. Although they belong to different contexts and are located in different areas of the Iberian peninsula, they are all related to the emergence of places designed to construct the identity of the communities who built them, from the 5th to the 3rd mill. B. C.

We will try to contrast the apparently simple organisation of space in a cemetery of burial mounds with that in the two monumental precincts of the 3rd mill. B. C. mentioned above. The latter seem to imitate places where daily life took place. On the other hand, they are integrated into a more extensive network of places in the landscape. The monumental precincts, acted as “arenas of social power”, where artefacts and people circulated. This type of construction has implications for our understanding of the wider landscape. It represents a major change in the ways in which people lived and in the representation of space and time among Neolithic communities.

Key-words: Architecture; monument; monumental setting.

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património (DCTP), Faculdade de Letras da Universidade do Porto. E-mail: vojsoj@sapo.pt

0. Neste breve texto abordaremos algumas arquitecturas pré-históricas peninsulares fazendo uso do termo “monumento” e da expressão “cenografia monumental”. Por “monumento”, neste contexto, entendemos toda a arquitectura durável, concebida para marcar o espaço, enquanto lugar de memória e de processamento de identidade. Por “cenografia monumental” referimo-nos a qualquer dispositivo cénico que recorra à manipulação do tempo e do espaço, em escalas variadas, destinado a promover interacção e construir identidade.

1. Como base de reflexão utilizaremos sumariamente *três contextos pré-históricos* conhecidos, e cuja investigação foi alvo de publicações: a necrópole “megalítica” da Serra da Aboboreira (Jorge, V. O., 1989, 1991; Cruz, D. J., 1991) e o recinto monumental de Castelo Velho de Freixo de Numão (Jorge, S. O., 2002, 2003 b), ambos no Norte de Portugal, e o complexo monumental de Los Millares (Arribas, A. & Molina, A., 1982; Arribas, A. *et al.*, 1985; Molina, F. & Arribas, A., 1993; Whittle, A., 1996; Chapman, R., 1990, 2003), no Sudeste espanhol (Fig. 1). Sobre estes contextos tentaremos destacar alguns aspectos que se prendem com a eventual existência dum projecto arquitectónico e com a diacronia e a utilização multifacetada de cada um deles.

- Na Serra da Aboboreira conhecemos c. de 40 sepulcros inventariados (Fig. 2). Estes sepulcros recobrem um período lato entre o 5º e o 2º milénio B. C., embora não haja vestígios inequívocos de que a necrópole tenha sido um espaço activo, de forma continuada, durante todo este lapso de tempo.

Assim, é provável que, no alto da Serra da Aboboreira, tenham surgido os primeiros sepulcros megalíticos fechados, sob mamoa, por meados do 5º milénio B. C. Contudo, é durante a 2ª metade deste 5º milénio que se opera o grande momento construtivo: sepulcros megalíticos fechados (de diversas dimensões) vão aparecendo, construindo-se núcleos de 2, 3 ou mais monumentos. A maneira de implantar os novos sepulcros segue um “modelo aditivo”, sem que se visualize qualquer plano prévio na distribuição destas arquitecturas.

Nos finais do 5º / inícios do 4º milénio B. C. surgem, lado a lado, com outros túmulos de arquitectura mais tradicional, os primeiros monumentos abertos: quer possuam corredor intra-tumular (Mamoia 1 de Outeiro de Ante), quer corredor pétreo (Mamoia 1 de Chã de Parada). A construção destes monumentos de maior porte respeita não só a localização dos núcleos de mamoias mais antigos, como, evidentemente, as pré-existências naturais. Por outro lado, foram descobertas arquitecturas desta época que, integrando-se no espaço da necrópole, poderiam tão só cumprir uma função globalmente “mortuária”, sem que alguma vez tivessem recebido restos de antepassados. Ou seja, a necrópole neolítica é um *espaço polimorfo*, não apenas do ponto de vista

da natureza e da dimensão das arquiteturas, mas também da função social e simbólica das estruturas que albergava. Basta dizer que entre um sepulcro megalítico aberto – provavelmente durante não mais de c. de 500 anos – e uma estrutura mortuária fechada sob mamoa, ou um sepulcro megalítico fechado, todos globalmente contemporâneos (ou seja, fazendo parte do mesmo sistema de significações e funcionando, eventualmente, como elementos sincrónicos dum mesmo dispositivo cénico), existem diferenças de forma e sentido, que apontam para uma realidade cenográfica mais complexa do que é costume acordar quando se abordam as chamadas “necrópoles megalíticas”.

Finalmente, nos finais do 3º milénio / inícios do 2º milénio B. C. (numa fase que poderíamos classificar do Bronze inicial), são construídos novos sepulcros fechados, de pequenas dimensões, sob um “tumulus”, disfarçados na paisagem (a singularidade de Chã de Carvalhal I adverte-nos de que não devemos ceder à tentação de generalizarmos o processo de invisibilização progressiva da necrópole), que nos recordam que um ancestral espaço sagrado passou a servir novos propósitos sociais, quiçá coadjuvados por diferentes enquadramentos cerimoniais.

Trata-se, portanto, duma necrópole (embora o termo “necrópole” adquira aqui uma latitude de sentidos que ultrapassa largamente a vulgar significação corrente de “espaço onde se enterra, deposita ou manipula restos de antepassados”), *necrópole essa que se foi constituindo ao longo de 700 anos* (no seu período neolítico), através de sucessivos acrescentamentos arquitectónicos, *na ausência dum qualquer programa prévio de conjunto*.

Claro que não podemos ignorar que, primeiro, do 5º ao 4º milénio B. C., e, depois, claramente, dos fins do 3º aos inícios do 2º milénio B. C., a *Serra da Aboboreira acolheu no mesmo espaço físico* – ao nível dos grandes traços geo-morfológicos – estruturas que se inseriam em cenários de gestão da morte. Desse ponto de vista, ela foi, de facto, o *palco contínuo, estável*, ou seja, *o grande teatro fixo*, no interior do qual se montaram e desmontaram, ao longo do tempo, diversos dispositivos cénicos, cuja natureza específica nos escapa. A questão sobre esta permanência, ou sobre esta escolha pelo mesmo palco de acção, durante três milénios, por parte da população em diversos estádios de relação com a morte, e, sobretudo, com diferentes representações do espaço e do tempo, não pode ser desenvolvida no âmbito deste texto. Embora seja uma problemática fundamental do ponto de vista da narrativa pré-histórica.

• O recinto monumental de Castelo Velho de Freixo de Numão terá sido erigido durante a primeira metade do 3º milénio B. C. Após uma fase pré-monumental (ainda em investigação), em que o topo do morro terá sido ligeiramente afeiçoado, para nele se edificarem estruturas muito frágeis, abertas à paisagem circundante (c. 3000 B. C.?), constrói-se, algures entre 2900 e 2500 B. C., um *recinto*. Este recinto, de planta sub-elíptica, delimitado por um murete basal de xisto encimado, provavelmente, por uma

parede de argila e ramos, vai alterar significativamente o perfil do morro. A sua edificação é acompanhada duma transformação apreciável da morfologia natural do esporão. As pré-existências rochosas são afeiçoadas de forma muito incisiva. Emerge então um *monumento*.

Por meados do 3º milénio (c. 2500/2300 cal B. C.), surge pela primeira vez, em toda a sua imponentia, o *edifício monumental completo* (Fig. 3): recinto (no interior do qual, emerge, já desde a fase anterior, uma estrutura sub-circular pétreia, tradicionalmente qualificada da “torre central”), plataforma intermédia, talude oeste/sul, murete leste e inúmeras outras estruturas associadas à utilização, prolongada no tempo, deste monumento. De salientar a *permanência do “design” global do edifício construído em meados do 3º milénio, até à sua condenação, por volta de 1300 B. C.*

Durante a segunda metade do 3º milénio B. C. será de ressaltar algumas características importantes: – o recinto possui cerca de 8 *passagens*, as quais, podendo não ter funcionado todas ao mesmo tempo, dão conta da vontade de controlar o movimento no interior e no exterior daquela “arena”; – foram descobertas algumas *deposições intactas*, nomeadamente, a que incluía sementes de cereal e fragmentos de vasos cerâmicos, outra que ocultava um machado de cobre inteiro e ainda, por ex., a extraordinária deposição de ossos humanos associados a fauna, pesos de tear e fragmentos de vasos cerâmicos.

Nos finais do 3º / inícios do 2º milénio B. C. verifica-se o fecho/condenação de algumas aberturas e de certas estruturas do interior do recinto e fora dele. Permanecem apenas abertas duas passagens no recinto superior. Tais condenações sugerem *interditos de longa duração* que foram respeitados até ao fecho total do monumento.

Entre os inícios do 2º milénio e c. 1300 B. C., a grande maioria das pequenas estruturas concebidas no 3º milénio são inutilizadas, mantendo-se apenas as duas passagens no recinto superior já anteriormente mencionadas. Algumas transformações observadas no talude oeste/sul e no murete leste não alteram a sobrevivência da planta global do edifício.

Por volta de 1300/1200 B. C., no final do Bronze Pleno, o monumento de Castelo Velho é intencionalmente fechado com pedras e terra argilosa. Trata-se duma condenação simbólica, que “eliminou” visualmente o monumento, tal como ele tinha funcionado durante muitas centenas de anos.

Encarado actualmente como um *dispositivo comunitário*, aglutinador de populações espalhadas pela região, entre o 3º e o 2º milénio B. C., Castelo Velho de Freixo de Numão tem dado origem a formas alternativas de se interpretar lugares similares, e sobretudo de se repensar o espaço construído da Pré-História Recente da Península Ibérica.

• O complexo monumental de Los Millares – certamente o dispositivo cénico pré-histórico mais imponente da Península Ibérica – comportava, em simultâneo, na

sua fase de apogeu (durante o 3º milénio B. C.) as seguintes componentes arquitectónicas: vários recintos murados espacialmente articulados (delimitados pelas arribas dum esporão amesetado e por um longo muro exterior); uma necrópole contígua, maioritariamente com muitas dezenas de sepulcros em falsa cúpula; e, em morros cimeiros, para sul, em anfiteatro, pequenos recintos murados, designados “fortins”, que pareciam “olhar” um pouco mais abaixo, os vários recintos e a necrópole anteriormente mencionados, espalhados estes últimos por um “plateau” alongado, encaixado pelo Rio Andaráx e pela Rambla de Huéchar (Fig. 4).

Em 1985 (Arribas, A. *et al*, 1985)¹ desenhava-se uma diacronia do complexo de Los Millares que aqui muito sumariamente recordamos, tendo apenas tido o cuidado de sugerir parâmetros cronológicos calibrados, de acordo com os procedimentos normais seguidos nestes casos.

Durante a 2ª metade do 4º milénio, provavelmente já nos seus finais, terá sido erigido no limite leste do esporão definido pelo Rio Andaráx e pela Rambla de Huéchar, um pequeno recinto sub-circular (chamado “cidadela”), e, mais para oeste, outros dois recintos acupulados, localizados no “plateau” central do mencionado esporão (Arribas, A. *et al*, 1985, fig. 12, fase I). Assinale-se que não se admite, durante esta fase, a construção de qualquer “fortim”. Por outro lado, é difícil correlacionar este primeiro momento construtivo dos recintos murados (como, aliás, qualquer outro momento) com a diacronia da necrópole contígua, uma vez que a escavação desta foi realizada em épocas anteriores, por outros investigadores, e segundo metodologias que dificultam, actualmente, qualquer correlação estrita entre os dois tipos de contextos.

Por volta de 3000 B. C. e até c. 2500 B. C., no chamado Calcolítico Pleno regional, para além dos recintos anteriormente mencionados (que sofrem algumas modificações de pormenor), surge um longo murete exterior (ao qual se adossa uma quantidade apreciável de “bastiões”), que delimita, a oeste, o conjunto de recintos murados anteriormente referidos (Arribas, A., *et al*, 1985, fig. 12, fase II a). Nesta fase de maior monumentalidade dos recintos murados de Los Millares, terão sido construídos os pequenos recintos cimeiros, chamados “fortins”, conferindo à paisagem uma dinâmica cénica marcante. Certamente durante este período a necrópole terá crescido, através da edificação de uma boa parte dos sepulcros que a constituem (no final do processo com mais de 80 túmulos).

Entre c. de 2500 e 2300 B. C. (parâmetros hipotéticos), ou seja, durante o Calcolítico Recente regional, dá-se o alargamento da área do recinto central, situado no esporão amesetado, através do desaparecimento dum dos muros delimitadores que seccionava previamente o espaço em duas áreas sub-circulares. Por outro lado, o muro

¹ Não conhecemos nenhuma publicação posterior, que altere, substancialmente, a evolução que aqui sumariamente apresentamos, com base nos dados publicados em 1985.

exterior apresentava agora um maior número de estruturas adossadas, verificando-se uma interessante monumentalização de uma das “entradas” (Arribas, A., *et al*, 1985, fig. 12, fase II b). É neste momento, segundo os autores das escavações de Los Millares, que surge na estação campaniforme marítimo. Está implícita a reutilização dos chamados “fortins” e o crescimento da necrópole contígua de longa duração.

Este complexo, pelo menos no que aos recintos murados e aos “fortins” diz respeito, sofre um aparente colapso nos finais do 3º milénio B. C., ou seja, nos inícios do Bronze Antigo regional. De facto, o projecto de conjunto (recinto, necrópole e “fortins”) que tinha crescido a partir de finais do 4º milénio, e globalmente estabilizado entre c. de 3000 e c. 2300 B. C. (?), sofre então um inegável abandono: apenas sobrevive de forma continuada o recinto situado mais a leste, apelidado de “cidadela”, crendo-se que a maioria dos “fortins” é desactivada nesta época (Arribas, A., *et al*, 1985, fig. 12, fase III). O campaniforme local desenvolve-se, nesta fase, de forma incisiva, não tendo já uma relação directa com o projecto arquitectónico monumental de origem calcolítica.

2. As reflexões que se vão seguir dizem respeito à *comparação das cenografias monumentais desenvolvidas no âmbito dos três contextos anteriormente referidos*. Apesar da necrópole da Serra da Aboboreira ser maciçamente neolítica e os recintos de Los Millares e Castelo Velho recobrirem o 3º e parte do 2º milénio B. C., as diferenças apontadas não devem ser vistas numa perspectiva estritamente evolucionista, que quisesse opor padrões de comportamentos eventualmente mais simples, porque mais antigos, a outros mais complexos, porque mais recentes. De resto, a eventual dicotomia entre necrópole neolítica e recintos calcolíticos, com base em pressupostos evolucionistas simples, cairia pela base face ao complexo de Los Millares, no qual os recintos murados são contemporâneos dum espaço autónomo, contíguo, de deposição e manipulação social dos mortos (vulgo “necrópole”). Neste caso, coexistem e interagem, lado a lado, de forma especular, duas formas de encenação monumental apreciavelmente diferentes.

A utilização destes três contextos pré-históricos surge, assim, mais como um pretexto para se pensar a relação entre arquitectura, espaço, tempo, identidade e poder, no seio de sociedades que, tendo ultrapassado a barreira do igualitarismo, são, de facto, muito heterogéneas. Une-as apenas o facto de não terem atingido o patamar da estratificação social e muito menos o do “estado primitivo”.

Seleccionemos então algumas diferenças que nos parecem essenciais.

– Na segunda metade do 5º milénio B. C., agricultores/pastores muito embrionários adoptam o “plateau” superior da Aboboreira (900/700 m de altitude absoluta) para construir (ao longo de c. 700 anos) uma paisagem pontuada por pequenas colinas

artificiais que encerram criptas funerárias/cultuais. Como foi dito, a necrópole não obedece a um plano prévio de conjunto, e, sobretudo, os respectivos monumentos, pela sua dimensão e localização, não interferem radicalmente com a paisagem. Podem até confundir-se com ela (Fig. 5). Trata-se de pequenos montículos que perderiam facilmente inter-visibilidade se a vegetação circundante crescesse um pouco mais do que a que actualmente existe, e que é fruto de factores erosivos históricos.

Ao contrário, o recinto monumental de Castelo Velho de Freixo de Numão, construído algures durante a primeira metade do 3º milénio B. C., e mantido desde meados do 3º milénio até c. 1300 B. C. intacto, domina uma ampla paisagem e sempre foi visto de muito longe. Foi, aliás, colocado num local preciso para ser amplamente “visionado”, verificando-se uma inter-visibilidade ostentatória com o Monte de S. Gabriel que lhe fica a meio do seu eixo de visão para leste. Castelo Velho “olha”, de cima, o Monte de S. Gabriel (Fig. 6). A escala da monumentalidade do recinto (desde que sobre o soco basal de pedra crescesse uma parede de argila de, pelo menos, 2 metros) “rompe” a paisagem, emergindo o edifício como um *ponto de sucção visual*.

Los Millares é um caso especial. Em primeiro lugar, existe um projecto de conjunto (segundo os autores do seu estudo) desde os inícios até finais do 3º milénio B. C. Esse projecto não se limita à construção dum recinto monumental dominante, mas à edificação dum complexo de recintos, dum ampla necrópole de *tholoi* contígua, e ainda de pequenos recintos murados (“fortins”) que “olham”, a partir de cima, a paisagem circundante e, naturalmente, o centro nevrálgico deste dispositivo cénico que é, em baixo, vários recintos “fechados” (cercados) por uma necrópole.

Los Millares serve para “ser visto” e “ver” de todos os lados, a uma escala de “mutilação” da paisagem que não tem paralelo na Pré-História ibérica. E, a crer nos investigadores, a interferência deste dispositivo cénico na paisagem, segundo o mesmo “layout” geral, durou cerca de 700 anos. Existe em Los Millares, quer se olhe dos “fortins” para os recintos/necrópole, quer destes para os “fortins” e para a paisagem circundante, uma *qualidade panóptica* (em grande escala) que não é comum em arquitecturas pré-históricas da Península Ibérica (Fig. 7).

– As arquitecturas dos sepulcros neolíticos da necrópole da Serra da Aboboreira (como aliás, de todos os monumentos megalíticos, de tipo ortostático) são *monolíticas* (Fig. 8). Esta característica implica, ao nível da ossatura do edifício, uma *rigidez* que não permite alterações cíclicas na concepção geral. Por outro lado, esta estabilidade concede pouco esforço de conservação, uma vez que este fica reduzido a manutenções de escala reduzida, mesmo em sepulcros abertos durante um certo período de tempo. Ora, quer em Castelo Velho (Fig. 9), quer provavelmente em Los Millares, o que nos resta das paredes que delimitavam os recintos é o *soco pétreo*, mais ou menos preservado. As super-estruturas, que deveriam ser de *terra*, foram destruídas com o tempo.

Quem se aproximava, em 1985, do muro exterior de Los Millares, nomeadamente duma das suas entradas mais emblemáticas, tinha a sensação de estar perante uma mini-estrutura em altura (mesmo quando se estava face a troços restaurados). Tal parede nunca poderia ter funcionado apenas com 50 cm de altura. Mesmo tratando-se dum muro exterior com elevado simbolismo – na medida em que ele era a *cerca* dum micro-cosmos, no interior do qual existiam vários espaços híbridos e/ou reservados – esse muro só poderia ser “útil” se se elevasse até, pelo menos, à altura dum ser humano.

Mas admitir que os recintos murados do 3º milénio B. C. tinham paredes sobretudo de terra, de altura variável (com um número indefinido de “passagens” e “janelas”), paredes que pela sua própria natureza poderiam ser facilmente refeitas, transformadas, eliminadas é admitir que nos encontramos face a *arquitecturas plásticas, arquitecturas recicláveis, promotoras de infinitos cenários, passíveis de permanente reactualização*. A fixidez ou a maleabilidade do “layout” das arquitecturas monumentais condiciona, como é óbvio, o cerne do respectivo sistema de actividades. Neste sentido, quer pelo leque de possibilidades de uso que permite (ou não permite), quer pelos diferentes graus de manutenção que requer (um recinto murado vive em estado de permanente restauro), encontramos-nos, no que respeita às arquitecturas dos sepulcros da Aboboreira e dos recintos de Castelo Velho / Los Millares, perante duas concepções arquitectónicas literalmente opostas.

– A rigidez das arquitecturas dos sepulcros neolíticos da Aboboreira era susceptível de favorecer uma certa estabilidade de significações dos rituais de antepassados que os mesmos albergavam. O microcosmos desses túmulos era fechado, centrado numa *leitura tendencialmente atemporal do espaço mítico*.

A plasticidade inerente às arquitecturas dos recintos monumentais de Castelo Velho e de Los Millares (salvaguardando a diferença de escalas) permitia espaços cénicos abertos, de funcionalidade multívoca, em constante reconfiguração de sentidos. Esta possibilidade de reconversão das cenografias monumentais não significa necessariamente uma “historicidade” do espaço mítico calcolítico por contraposição a uma “atemporalidade” da necrópole neolítica. Significa tão só que a manipulação do tempo em espaços cujo cenário é passível de recorrentes alterações tem de ser gerido de outra forma, eventualmente mais complexa, e envolvendo outros pressupostos na acção.

– Enquanto que o espaço sepulcral neolítico da Aboboreira pressupõe um *acesso axial simples* (nomeadamente em túmulos de corredor) (Fig. 8), os recintos monumentais de Castelo Velho e Los Millares (este último, numa escala incomensurável), envolvem *acessos múltiplos*, segundo *circuitos de movimentação* (dentro, fora e em torno

das arenas principais) *que ordenam e hierarquizam* a entrada e saída de pessoas nestes lugares comunitários.

– Existe, no entanto, em Los Millares, uma coexistência de diversas cenografias monumentais que nega qualquer dicotomia fácil sugerida pela leitura, em contraponto, da necrópole da Aboboreira e do recinto de Castelo Velho. De facto, a existência duma necrópole de *tholoi*, de longa duração, contígua aos recintos localizados no esporão amesetado de Los Millares (Fig. 4), configura uma situação completamente diferente: parece que recintos e necrópole, ou seja, dois tipos de espaços bem formalizados, mas com lógicas cenográficas opostas, fazem sistema. Recintos e necrópole anexa, apesar de funcionarem segundo dispositivos cénicos concorrentes, são *realidades especulares*, que se alimentam duma *interacção* cuja natureza está longe de ter sido compreendida em toda a sua ambivalência. De qualquer das formas, o que a situação de Los Millares nos indica (como, aliás, por ex., a de Alcalar), é que o *dispositivo cenográfico sepulcral (de matriz neolítica) se pode manter – certamente com alterações – até ao 3º/2º milénio B. C. e conviver, lado a lado, com edifícios comunitários que correspondem a formas de inserção e representação do espaço completamente novas.*

– Enquanto que a necrópole neolítica da Aboboreira se encontra focalizada em *deposições funerárias/mortuárias* que jogam com a manipulação de relíquias de antepassados, o recinto monumental de Castelo Velho integra *deposições relacionadas com aspectos críticos da vivência social como um todo*. Por ex., atente-se na existência, no interior do recinto superior, duma estrutura pétreia que continha milhares de sementes de cereal e ainda vestígios da papoila de ópio², associada a fragmentos de vasos cerâmicos (Fig. 10). Ou então, também a título de exemplo, a deposição, fora do recinto superior, no interior duma estrutura pétreia, de ossos humanos (em conexão anatómica e desconectados) articulados, de forma extremamente organizada, com pesos de tear e com fragmentos de vasos cerâmicos (Fig. 11). É de nos perguntarmos se em Los Millares (recintos) não terão existido deposições similares de ossos humanos. Ou então, se entre a necrópole e os recintos, não terá havido circulação de relíquias humanas: ou seja, se o processo de decomposição e tratamento dos cadáveres e, mais tarde, de manipulação dos ossos humanos, não terá implicado, de forma abrangente, *todo* o complexo monumental, constituído pelos dois dispositivos cénicos autónomos, mas contíguos, constituídos pela necrópole e pelos recintos murados.

De qualquer forma, a existência em Los Millares, no interior dos recintos, de espaços relacionados com a metalurgia do cobre ou, por ex., com o armazenamento da água e, eventualmente, de cereais, parece apontar na direcção de áreas que, tal como

² Agradecemos a informação pessoal prestada por Isabel Figueiral.

em Castelo Velho, “ritualizavam” a vida social como um todo (Bradley, R., 2003). Nesta visão algo distanciada de Los Millares enquanto um “povoado fortificado”, no interior do qual existiriam “áreas funcionais especializadas”, à boa maneira processual, sintonizamos mais com Whittle (Whittle, A., 1996, pp. 336-338, 349), o único arqueólogo estrangeiro que, até hoje, se atreveu a caracterizar Los Millares (e outros sítios murados contemporâneos) não como fortificações, mas como lugares de encontro comunitários, marcadores de identidade.

– Para além de todas as diferenças referidas entre uma necrópole neolítica do Norte de Portugal e dois tipos de recintos monumentais calcolíticos, respectivamente do Norte e do Sul da Península, cremos que devemos destacar uma outra, ainda mais sintomática do peso da relação entre arquitectura, espaço, tempo e poder: a necrópole neolítica parece atrair a si, sazonalmente, uma parte da comunidade (grupos ainda muito fluídos, detentores duma ténue ligação à terra agricultada), constituindo-se num *centro* privilegiado de identidade duma estrutura socialmente ainda muito lassa; os recintos monumentais, independentemente dos seus contextos particulares e das suas escalas congregadoras, terão funcionado como *nódulos de poder em redes de lugares simbolicamente interconectados* (outros recintos, necrópoles, “santuários” de arte rupestre, povoados, etc.). A noção de *rede* substitui ou é complementar da noção de *centro*. Os recintos estão ligados em rede a outros lugares, entre os quais circulam, ao longo do tempo, pessoas, artefactos, matérias-primas, etc.

Os recintos não são apenas “contentores” de coisas, como eram sobretudo os sepulcros neolíticos. Os recintos são fundamentalmente *lugares de passagem* (Fig. 12), lugares que suscitam negociação, variabilidade, reconfiguração.

O tempo mítico da necrópole neolítica compete com tempo histórico do dispositivo cenográfico do recinto calcolítico. Contudo, para que este tempo histórico não se esgote ou se desgaste na vivência rara e excepcional duma transitória passagem pelo recinto, é necessário que este se articule com outros lugares. Os recintos monumentais fazem parte de *redes cenográficas* que geram, por sua vez, novos cenários que, por seu turno, se incluem em *sistemas de cenários*, os quais integram áreas exteriores aos próprios recintos (lugares formalizados ou não), e, em última análise, capturam toda a paisagem envolvente.

O recinto murado só é operacional enquanto elemento dum *sistema tentacular* que, para criar poder e identidade, vive da *urdidura duma teia de lugares ligados em rede*.

Essa rede é frágil, pelo que muitos destes sítios foram rapidamente desactivados. Outros sofreram longas utilizações, sem que nos seja permitido reconhecer hiatos de uso, correspondentes a momentâneas perdas de sentido.

Mas a sua aparição, sobretudo a partir de finais do 4º milénio B. C., fundamenta

a convicção de que estes lugares inauguram uma outra forma de construir e representar espaço e tempo, e, assim, exercer novos tipos de poder.

“This discovery procedure, wherein objects in the landscape become clues to meaning, is what distinguishes the perspective of dwelling. And since (...) the process of dwelling is fundamentally temporal, the apprehension of the landscape in the dwelling perspective must begin from a recognition of its temporality. Only through such recognition, by temporalising the landscape, can we move beyond the division that has afflicted most inquiries up to now, between the scientific study of an atemporalised nature, and the humanistic study of a dematerialised history. And no discipline is better placed to take this step than archaeology (...) To the question “what is archaeology the study of?”, I believe there is no better than “the temporality of the landscape”.

(T. Ingold, 2000, p. 208).

Porto, Março 2003

BIBLIOGRAFIA

- ARRIBAS, A. & MOLINA, A. (1982). Los Millares, Neue ausgrabungen in der kupferzeithichen siedlung (1978-1981). *M.M.*, 23, pp. 9-32.
- ARRIBAS, A. *et al* (1985). Informe preliminar de los resultados obtenidos durante la VI campaña de excavaciones en el poblado de Los Millares (Santa Fe de Mondújar, Almería), 1985, *Anuario Arqueológico de Andalucía*, pp. 245-262.
- BRADLEY, R. (1998). *The Significance of Monuments*. London, Routledge.
- BRADLEY, R. (2003). Enclosures, monuments and the ritualization of domestic life, *Recintos Murados da Pré-História Recente* (S. O. Jorge coord.), DCTP (FLUP)/CEAUCP (FCT), pp. 355-369.
- CHAPMAN, R. (1990). *Emerging Complexity*, Cambridge, Cambridge University Press.
- CHAPMAN, R. (2003). *Archaeologies of Complexity*, London, Routledge.
- CRUZ, D. J. (1991). *A Mamoa 1 de Chã de Carvalhal no contexto arqueológico da Serra da Aboboreira e da Pré-História recente do Norte de Portugal*, Coimbra. Provas públicas de aptidão pedagógica e capacidade científica da FLUC (trabalho policopiado).
- HERNANDO GONZALO, A. (1988). *Evolución interna y factores ambientales en la interpretación del Calcolítico del Sureste de La Península Ibérica. Una Revisión crítica*, Madrid, Univ. Complutense, 2 vols (tese de doutoramento policopiada).
- INGOLD, T. (2000). *The perception of the environment. Essays in livelihood, dwelling and skill*, London, Routledge.
- JORGE, S. O. (1999). *Domesticar a Terra. As primeiras comunidades agrárias em território português*. Lisboa, Ed. Gradiva.
- JORGE, S. O. (2002). Castelo Velho de Freixo de Numão: um recinto monumental pré-histórico do Norte de Portugal, *Património/Estudos*, nº 3, pp. 145-164.
- JORGE, S. O. (2003a). Revisiting some earlier papers on the late prehistoric walled enclosures of the Iberian Peninsula, *Journal of Iberian Archaeology*, vol. 5, pp. 89-135.
- JORGE, S. O. (2003b). Pensar o espaço da Pré-História Recente: a propósito dos recintos murados da Península Ibérica, *Recintos Murados da Pré-História Recente* (S. O. Jorge coord.), DCTP (FLUP)/CEAUCP (FCT), pp. 14-50.

- JORGE, S. O. *et al* (no prelo). Reflexões preliminares a propósito de formas de organização do espaço e de técnicas de construção em sítios pré-históricos recentes (Calcolítico / I. Bronze) do tipo de Castelo Velho e de Castanheiro do Vento (Vila Nova de Foz Côa) – semelhanças e diferenças em relação às construções megalíticas e afins, *Actas do Colóquio Internacional "Sinais de Pedra"*, Évora, Janeiro de 2003 (M. Calado ed.; versão inglesa C. Scarre ed.).
- JORGE, V. O. (1989). Arqueologia social dos sepulcros megalíticos atlânticos: conhecimentos e perspectivas actuais, *Revista da Faculdade de Letras*, IIª série – História, vol. VI, pp. 365-443.
- JORGE, V. O. (1991). Necrópole pré-histórica da Aboboreira (distrito do Porto). Uma hipótese de diacronia, *Homenagem a J. R. dos Santos Júnior*, Lisboa, II CT, pp. 205-213.
- MOLINA F. & ARRIBAS, A. (1993). Millares: Los inicios de la metalurgia y el desarrollo de las comunidades del sudeste de la Península Ibérica durante la Edad del Cobre, *Investigaciones Arqueológicas en Andalucía (1985-1992): Projectos*, Huelva, Junta de Andalucía, pp. 311-315.
- RAPOPORT, A. (1994). Spatial organization and the built environment, *Companion Encyclopedia of Anthropology* (ed. T. Ingold), London, Routledge, pp. 460-502.
- WHITTLE, A. (1996). *Europe in the Neolithic. The Creation of New Worlds*, Cambridge. Cambridge University Press.

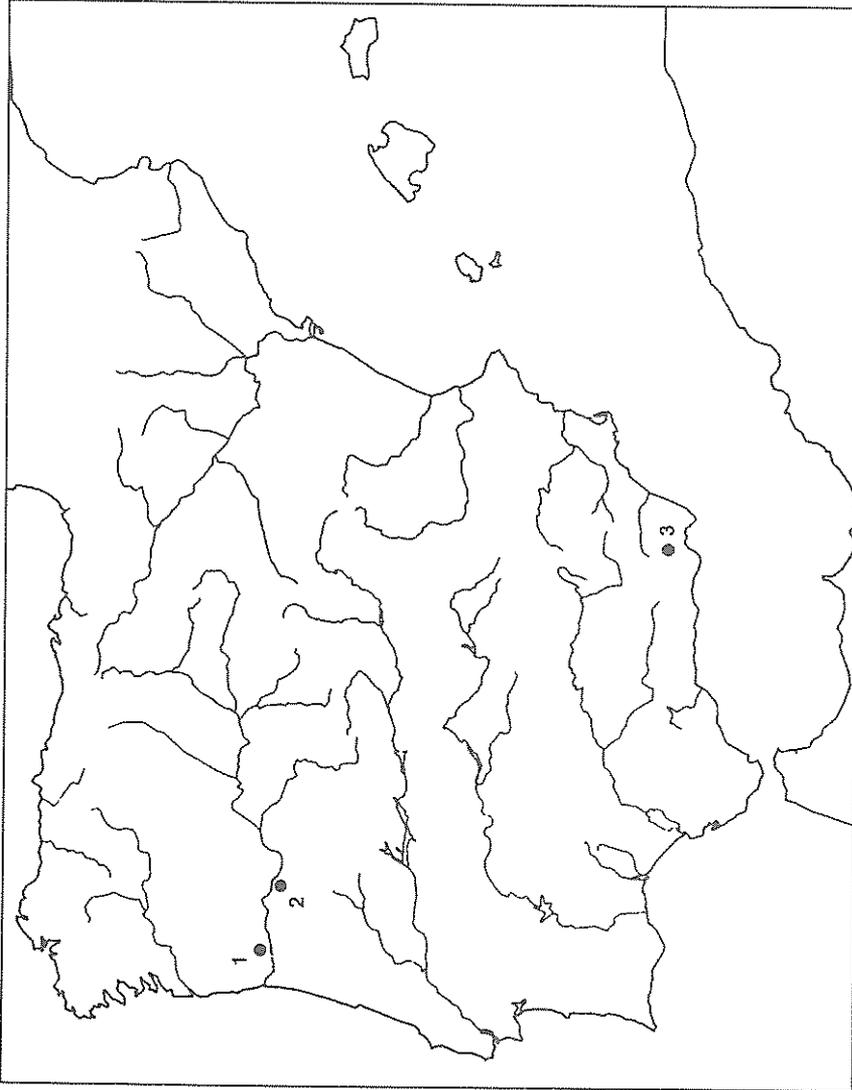


Fig. 1 - Localização na Península Ibérica de três conjuntos monumentais: 1 - necrópole da Serra da Aboboreira; 2 - recinto monumental de Castelo Velho de Freixo de Numão; 3 - complexo monumental de Los Millares.

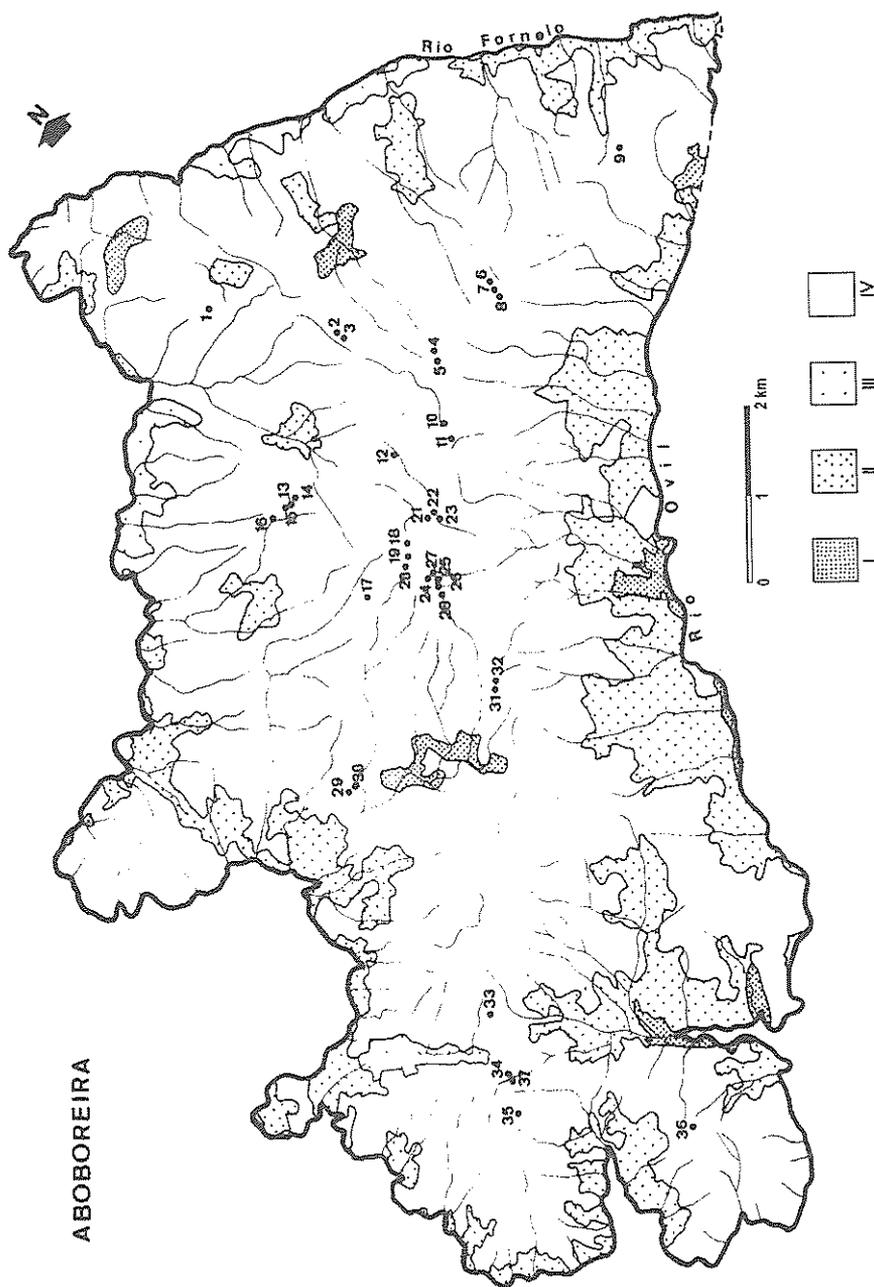


Fig. 2 – Necrópole da Serra da Aboboreira, estando representados todos os sepulcros inventariados (Jorge, V. O., 1989).

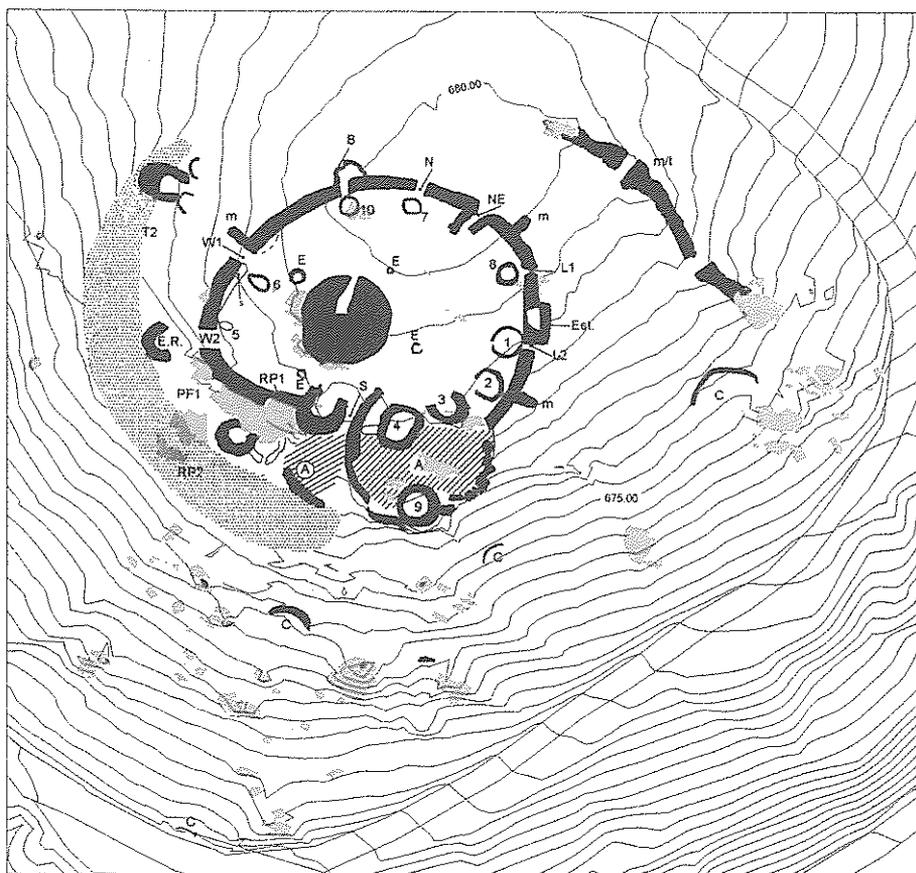


Fig. 3 – Recinto monumental de Castelo Velho de Freixo de Numão: fase construtiva 2B (Jorge, S. O., 2003 b).

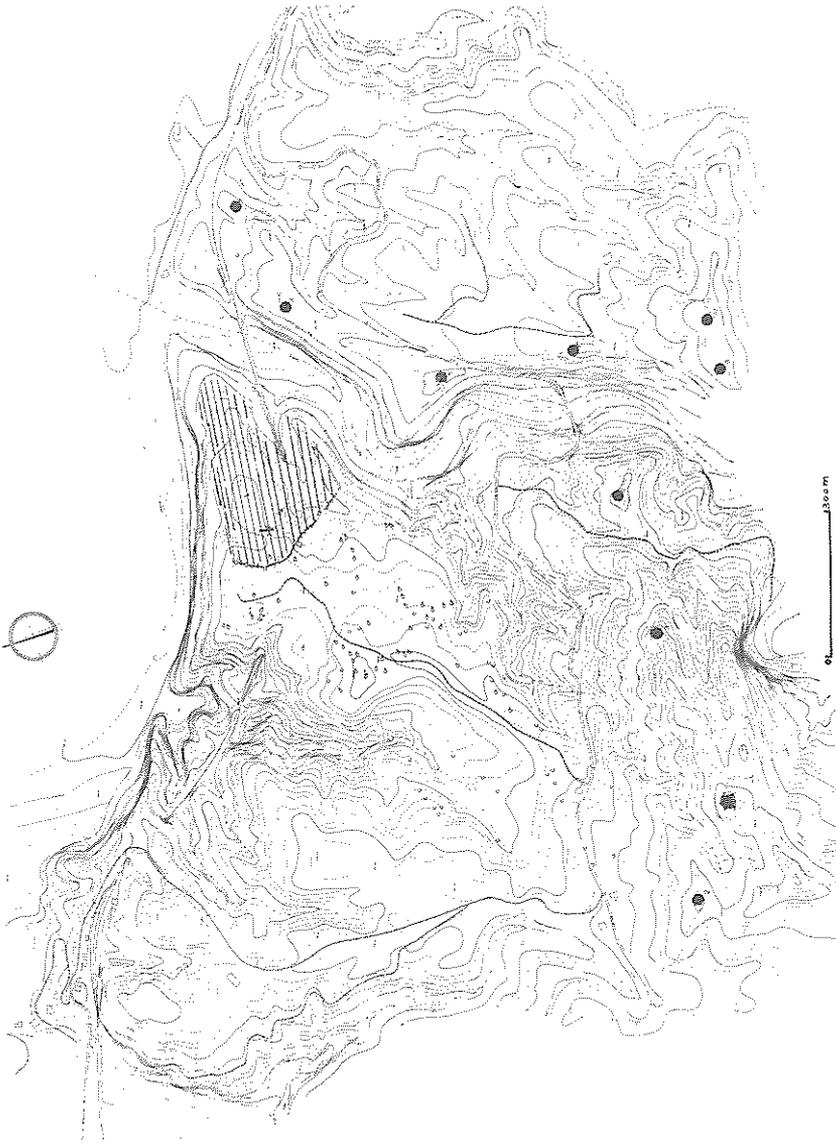


Fig. 4 – Complexo monumental de Los Millares, estando representados: recintos murados (a tracejado), a necrópole contígua, e os “fortins” (círculos a cheio) (adaptado de Arribas A. & Molina, F., 1982, Abb. 4).

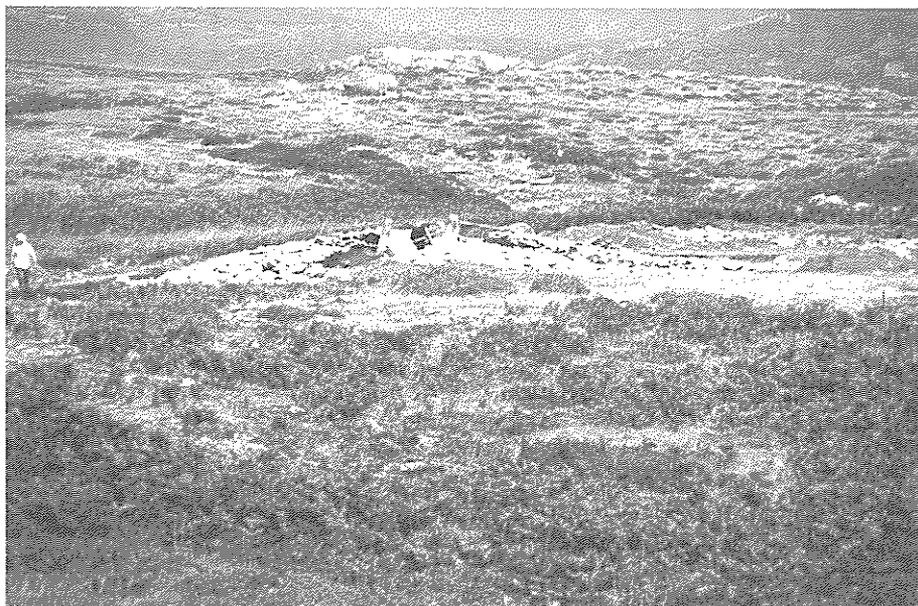


Fig. 5 – O monumento de Outeiro de Gregos 2, da necrópole da Serra da Aboboreira (foto de V. O. Jorge).



Fig. 6 – O recinto superior de Castelo Velho de Freixo de Numão, vendo-se, em segundo plano, para leste, o Monte de S. Gabriel (foto de D. Pavone).

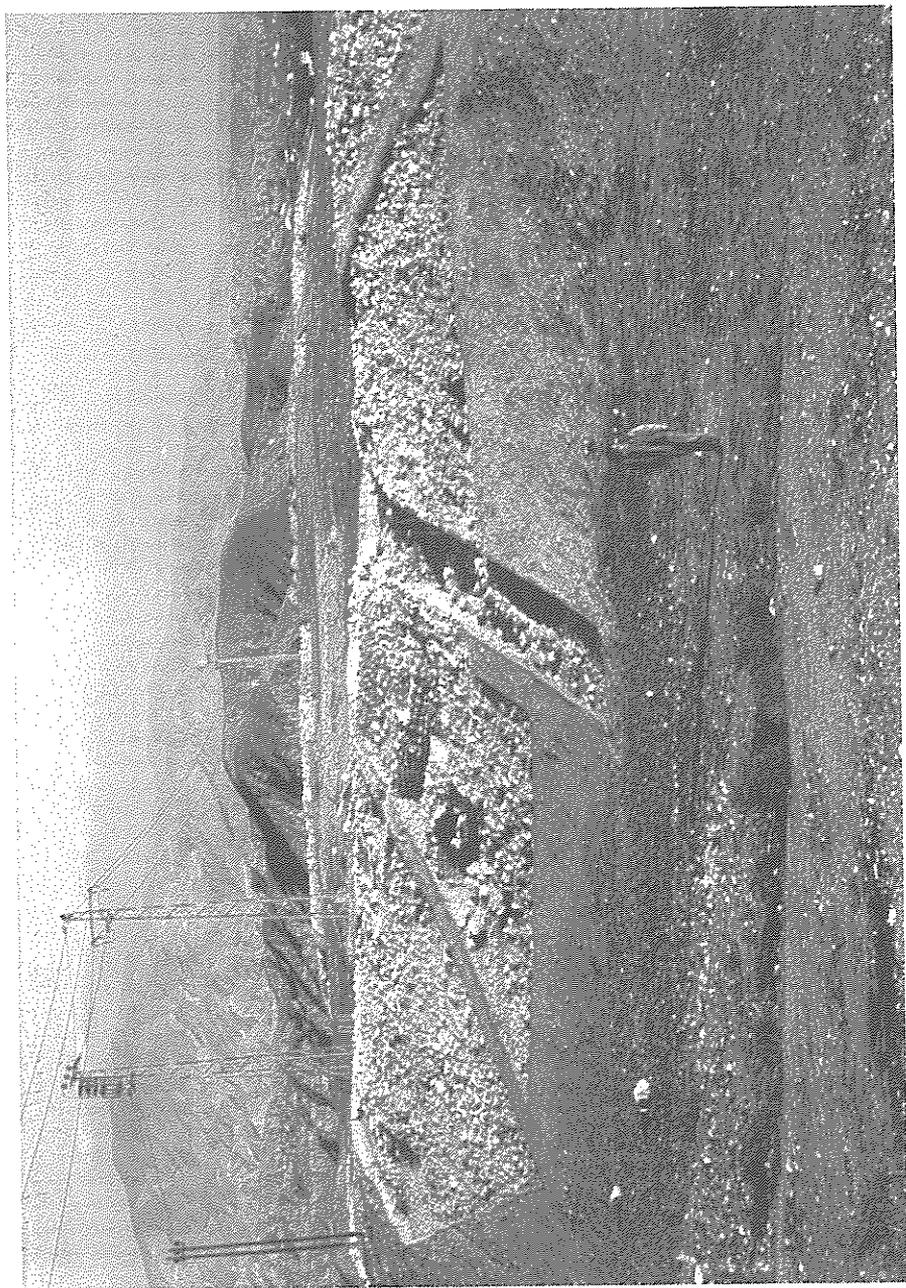


Fig. 7 – Vista geral do interior dos recintos murados de Los Millares após escavações de 1985 (foto de V. O. Jorge).

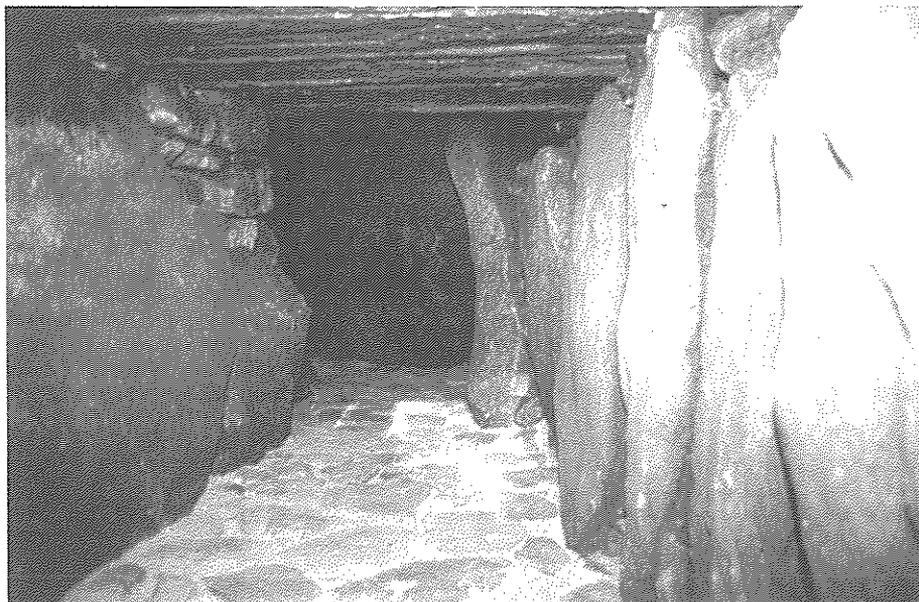


Fig. 8 – Interior do dólmen de Antelas (Beira Alta), após trabalhos de restauro (foto de D. Jesus da Cruz).



Fig. 9 – Vista geral do monumento de Castelo Velho de Freixo de Numão, após escavações de 2002, tirada para nordeste (foto de V. O. Jorge).



Fig. 10 – Vista geral de estrutura adossada à face interna do recinto superior de Castelo Velho de Freixo de Numão, a qual continha uma deposição de sementes e fragmentos cerâmicos (foto de V. O. Jorge).

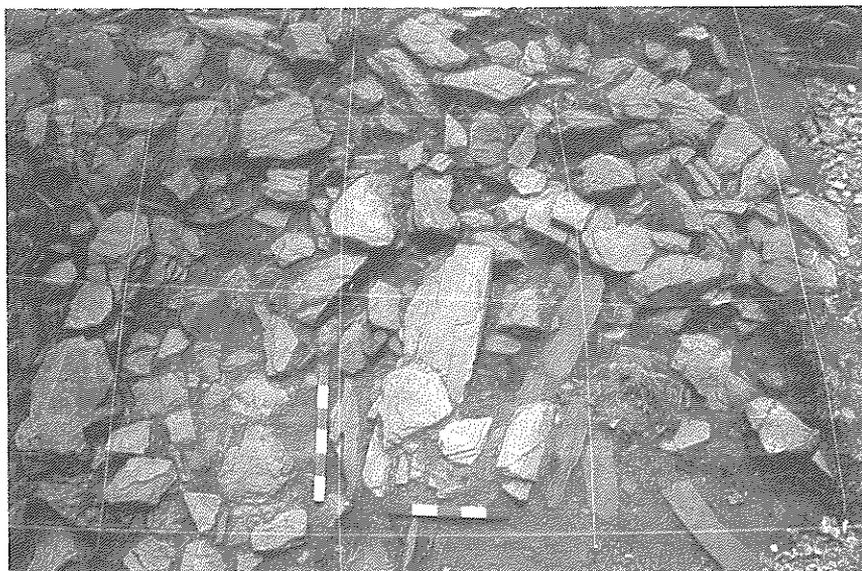


Fig. 11 – Vista geral de estrutura contendo uma deposição de ossos humanos associados a material diversificado, no exterior do recinto superior de Castelo Velho de Freixo de Numão (foto de V. O. Jorge).



Fig. 12 – Vista aérea do recinto monumental de Castelo Velho de Freixo de Numão, após escavações de 2002 (foto de D. Pavone).

